

Lixão da Estrutural no limite

ALINE FONSECA

O Lixão da Estrutural, único destino do lixo não tratado do brasiliense, precisará ser substituído em três anos, já que sua capacidade de receber o lixo não reciclado ou transformado em substância orgânica está no limite.

As alternativas mais utilizadas em outros países – e prováveis substitutas do Lixão, por serem sustentáveis – são o aterro sanitário, a geração de energia a partir do biogás ou o processamento tér-

mico, que também produz energia elétrica por meio dos gases produzidos pelo lixo.

"É preciso enterrar o Lixão e começar a articular uma saída para o nosso lixo", afirma o gerente-executivo do Ibama-DF, Francisco Palhares.

Do lixo produzido pelo brasiliense diariamente – cerca de 2.400 toneladas –, 45% ou 1.080 toneladas diárias são compostadas (transformadas em composto orgânico) e recicladas. E o que é reciclado não ultrapassa 200 toneladas por dia.

Os outros 55% – ou 1.320

toneladas diárias – são restos que não são aproveitados e vão para o Lixão.

O governo tem planos de criar um aterro sanitário, a exemplo do que é feito em São Paulo. "O ideal é que se faça um Planejamento Integrado de Gestão de Resíduos Sólidos, que inclua impactos e todos os detalhes da criação de um aterro. Isso nunca foi feito no DF", afirma o ambientalista Luiz Ernesto Mourão de Sá, presidente do Instituto de Desenvolvimento Ambiental (IDA).

MICHEL GOMES/27.02.2002



Segundo vários especialistas, o Lixão da Estrutural terá de ser substituído em três anos

Aposta na conscientização

Para Mourão, ações conjuntas como educação ambiental e coleta seletiva deveriam tentar reduzir a quantidade de lixo produzido pela população. "Não existe uma saída única e as soluções são complexas. Se trata de um problema da comunidade e do meio ambiente", diz.

A discussão para solucionar o problema do lixo, se depender do Ibama-DF, começa

agora. "Três anos é pouco tempo para analisarmos e chegarmos a um projeto completo. O lixo é um dos grandes problemas ambientais hoje e até a tomada de consciência das pessoas, muita coisa já foi degradada", diz Palhares.

O Lixão nunca foi uma unanimidade entre ambientalistas ou entre órgãos ambientais. Há mais de 20 anos contamina os lençóis freáticos e o

córrego Vicente Pires, formador de um dos braços do Lago Paranoá. Além disso, lança gases tóxicos. O lugar tentou se transformar em um aterro controlado – em que há espaço reservado para o chorume não-contaminar o lençol, o solo é revirado para não o lixo não ficar exposto. A iniciativa não foi eficiente: a lagoa do chorume continua contaminando as águas subterrâneas